



Narrativa e mito

O senhor do lado esquerdo: o romance da casa das trocas, de Alberto Mussa

Manuel Antônio de Castro*

O escritor optou por uma narrativa consagrada pelo grande público: o denominado romance policial. O trecho se estrutura em torno de um crime cuja vítima, assassinada, ocupava um cargo político importante no governo. Assim, muitos podem ser os interesses em jogo, isto é, os motivos que levaram a tal homicídio. Esse é o fundo em que se articula a linha narrativa. Sem dúvida nenhuma, ao imaginar tal crime como tema, de início o leitor é cativado e seu interesse é mantido até o final, porque, evidentemente, só verá a solução no final.

Seria um enredo simples e já milhares de vezes repetido se entendido na mesma paranoia causal que quis reduzir *Édipo Rei* a um romance policial. Seria cômico se não fosse trágico, pois os espectadores gregos já conheciam, e muito bem, o final que o mito propunha, mas justamente esse final é que era problemático, isto é, se tornava a questão a ser pensada. Então a questão se torna: o que o romance de Alberto Mussa traz de novo?

Um apelo muito usado nesse tipo de romance remete para uma das questões que desde sempre perpassou toda obra de arte: a sua relação com a dita realidade. Por diversos motivos, oriundos do positivismo, que grassou no século XIX, criou-se uma dicotomia

* Professor titular de Poética da Faculdade de Letras da UFRJ.

entre realidade e ficção – ou talvez, numa versão mais antiga, entre mito e história. O romance policial aborda essa questão ao se propor a narrar crimes que aconteceram, que não são meros frutos da imaginação. Também essa faceta se faz presente no romance – uma faceta que na verdade se trata da antiquíssima mas sempre presente questão da mimese, tão mal compreendida. Não seria, portanto, por esse motivo narrativo ou enredo de fundo policial que se destacaria o presente romance. Esse critério atrai o leitor, mas não se torna essencial para a realização da obra poético-literária.

Quanto às instâncias, a escolha de alguém de destaque na sociedade e no meio político motiva o leitor, mas não se torna o decisivo. E surge aí a primeira qualidade do romance: diferentes instâncias sociais são chamadas para compor o tecido narrativo.

Podemos entender por tecido a matéria da narrativa. Na realidade, toda uma rede social é envolvida, e isso tem um motivo significativo. O romancista parte de uma tese que procura comprovar reiteradamente ao longo da narrativa: “a tese defendida neste livro – a de que a história das cidades é a história de seus crimes”. Em vista disso, múltiplos crimes são historiados. História e mito, no romance, se mesclam continuamente, sempre enleados nas relações eróticas. Por isso, o romance tem como referência a conhecida Casa das Trocas, um prostíbulo de luxo destinado aos segmentos sociais dominantes de alto poder aquisitivo ou de posições políticas importantes. Porém, o que vai ser destacado, e de algum modo estudado ou tematizado, são relações sexuais fora do comum.

Em nenhum momento há uma centralização em qualquer relação amorosa. Tudo gira em torno do sexo. O doutor que clinica na Casa das Trocas para manter as aparências do prostíbulo desenvolve uma pesquisa científica voltada para o estudo das relações

sexuais nas relações ditas anormais. Estamos, portanto, longe da linha dos grandes romances que se guiavam em torno das relações afetivas entre casais ou relações triangulares em que o ciúme e a traição se tornam um eixo decisivo. Nem se trata do fundo que motivou as grandes obras romanescas da Modernidade: uma descida ao universo interior e complexo das relações humanas, com o predomínio dessas dimensões humanas, que acabavam se tornando motivo e oportunidade de aprendizagem nos chamados romances de formação.

Estamos diante de um romance que de algum modo continua a grande tradição, mas trazendo para primeiro plano o lado obscuro do ser humano, aquele que se coloca à margem da sociedade e das relações aceitas como “normais” pela moral vigente. Por isso, não há personagens que desvendem o seu interior. É um romance voltado para o social exterior, mas que nada tem a ver com a determinação do meio nos comportamentos humanos, na linha do naturalismo. Pelo contrário, é um meio social em que são examinados comportamentos sexuais normalmente marginalizados. Por outro lado, não se trata de um romance na linha das produções pornográficas. Há até certa uma desmitificação em relação à tradição moderna no que diz respeito aos laços e motivos afetivos.

Outra temática, que está ligada à questão da mimese e perpassa esse romance rico em linhas de reflexão é a questão fundamental da verdade. O gênero escolhido, o policial, se presta muito bem ao tema, explorado criativamente pelo narrador, que frequentemente se refere às denominadas versões. A variação das versões acaba pondo em questão e em dúvida a verdade da realidade e a realidade da verdade, criando um suspense especial. Com isso, ao abalar essas certezas no leitor, Mussa alarga o alcance da

sua narrativa. As versões dos fatos se tornam os fatos das versões, relacionadas sempre à questão do sexo e do crime, dentro da linha temática escolhida pelo autor.

O romance se estrutura dentro de um paradoxo de grande criatividade. Por um lado, o gênero policial gera a expectativa de toda uma estrutura lógica que conduza à descoberta causal dos motivos que resultaram no crime. Sem abandonar essa linha racional, na qual se debate o detetive, o fundo em que se move o romance remete para o mundo dos mitos em que vivem muitos dos personagens importantes.

Esse mundo dos mitos, capaz de desfazer as diferenças sociais, acaba instalando uma linha de ligação entre os vários segmentos que compõem a cidade. Há, portanto, uma tensão criativa, pois no fundo são as mais variadas camadas míticas que determinam os valores dos personagens. Mais do que valores de segmentos sociais, tomam o primeiro plano os valores míticos mais ligados à questão de Eros. Portanto, é afastada qualquer moralidade advinda do poder de um determinado sistema dominante. E isso é novo e original. E, no entanto, tão antigo, tão primordial.

Diga-se logo que o autor não trabalha com o critério racional de classificar como mitos as crenças ligadas a culturas primitivas. Na dimensão e presença dos mitos não há cultura primitiva. Para o autor, qualquer crença entra no âmbito do mítico. Chega a exagerar ao classificar os mitos cristãos como superstições. E as demais crenças míticas não o seriam? – é necessário perguntar. Esse exagero talvez se justifique porque o narrador se identifica com o detetive, para quem o exercício da razão causal é decisivo. Por isso mesmo, em nenhum momento há referência a algo mais interno, em que prevalecesse o afetivo. Há sexo, mas sem afeto.

E há também a procura do prazer acima de tudo. Como vivemos numa sociedade da imagem, a Casa das Trocas está disposta de tal maneira que o sexo se torna espetáculo.

A questão do crime é ambígua, pois seu motivo não é financeiro, mas aquele que põe em questão os valores morais em que geralmente se estruturam as cidades. Esses valores morais, porém, são mais aparência de farsas do que valores que levem ao ético-poético. Desse modo, o romance acaba tendo um valor artístico-poético realmente inovador, porque, por detrás dos motivos dos crimes, sempre está presente a quebra dos valores morais – da aparência, de fato, desses valores, que acabam por depender sempre das versões.

Surge a questão: qual a lei que rege essas relações sociais e familiares se, para além das aparências, as pessoas são tomadas por outros motivos e levadas a quebrar as regras dessas leis, às quais só aparentemente se submetem? É nesse momento que surge a pergunta crucial sobre a natureza, a essência do sexo. Em nenhum momento é tematizada a questão do amar, mas somente do amor ligado ao prazer sexual, seja por meio das relações “normais”, seja através de outras formas “anormais” ou ainda das formas “doentias”. É quando os motivos inconscientes tendem a ser mais fortes do que os freios sociais. Mas o romance, com razão, prefere falar da presença dos mitos.¹

O crime a partir do qual se desenvolve a linha temática do romance é motivado pelo sexo, pelo erótico, pelo mistério que

¹ A psicanálise não se funda numa “interpretação mítica” do humano de todo ser humano? Até onde tal “interpretação” não se tornou também uma “superstição”, ao querer se afirmar como científica? E haverá alguma “interpretação” que dê conta da questão do humano?

impulsiona as pessoas para as mais diferentes práticas sexuais. O que nessas práticas se mostra e aparece como motivação, vindo, portanto, ao aparecer, são impulsos que nunca chegam a se mostrar, uma vez que as pessoas são tomadas por algo que está além da vontade delas e as ultrapassa. Só na aparência fazem isso conscientemente. Dessa maneira, a realidade entendida como somatório de fatos positivos e racionais é a todo momento negada. Eis o limite da ciência. Pode haver ciência do inconsciente? Seria um paradoxo. Seria a mesma pretensão de fundar uma ciência do silêncio, do ser feliz, do sentido da vida etc.

Tentativas e respostas há, não fosse o humano de todo ser humano essa tentativa reiterada. Em vista disso, a realidade se faz mito, de que a ciência não é nem pode ser uma negação, mas sim a tentativa racional de solução. O mito é mais radical do que a ciência. A realidade é mais forte e complexa do que a consciência. A realidade é. E se mostra em todo o seu vigorar justamente na questão da vida, de que o sexo é uma decorrência. O que afinal ela é seria a questão que nenhuma interpretação ou versão pode responder. E é então que em determinado momento e inexplicavelmente um personagem do romance tem o poder mítico de atrair as mais variadas mulheres, das mais diferentes camadas sociais, e de levá-las ao êxtase total e por isso mesmo mortal. Mas, de novo, como não se centraliza na temática do amar, também não tematiza a questão da morte, à qual são levadas essas pessoas. A morte, no caso do romance, é uma plenitude de prazer sexual, não de uma consumação amorosa.²

² Eis uma questão que merece ser pensada, mas, para tal, é necessário sair das dicotomias sexo/amor e ser tomado pela dobra de amar e ser. Conferir o ensaio "Amar e ser", de meu livro *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

Embora a matéria do enredo seja historicamente do início do século XX, as principais linhas de pensamento se voltam para o que estamos vivendo hoje. Falta, porém, ao romance, o toque das grandes obras, uma atmosfera irônica e de questionamento. Contudo, o autor se mostra senhor não só da construção romanesca, mas também de um poder narrativo admirável. Domina o rito de narrar. A leitura flui facilmente e os leitores são envolvidos por essa fluência, que, unida à dupla temática do crime e do sexo, tem tudo para ser apreciada.

Esse poder narrativo mostra um escritor no pleno poder da arte da palavra comunicativa. Também da palavra poética? Para levar o leitor à reflexão não faltam intervenções do narrador, que se afasta do narrado e assinala que está narrando o que se passa por realidade. Certamente falta ainda uma descida mais presente ao poder da linguagem, marca das grandes obras poético-literárias. Entende-se aí por linguagem não só o jogo da verdade nas versões, mas também um ir além do jogo das versões na narração.

Diria que faltou uma linha do paradoxo no narrar e nas histórias narradas. Com isso, a própria noção tradicional de história receberia um aprofundamento novo, além do escolhido para estabelecer a história das cidades, o que quer dizer, das pessoas e instituições que configuram sempre uma cidade no tempo, tendo por horizonte o crime de motivação sexual. Ainda assim, o romance se destaca pelas múltiplas possibilidades de leitura e de aspectos novos, trazidos à tona com brilho por Mussa.

